

# A Divina Comédia

AMMOSTRA

— TRADUÇÃO DE BARÃO DA VILLA DA BARRA —

# A Divina Comédia

*Dante Alighieri*

TORDSILHAS

# A DIVINA COMÉDIA

Copyright © 2025 TORDESILHAS

TORDESILHAS é selo da editora Alaúde, uma empresa do Grupo Editorial Alta Books (Starlin Alta Editora e Consultoria Ltda.)

ISBN: 978-65-5568-222-9

*Translated from original La Divina Commedia by Dante Alighieri. PORTUGUESE language edition published by Alaúde. Copyright ©2025 by STARLIN ALTA EDITORA ECONSULTORIA LTDA.*

Impresso no Brasil – 1ª Edição, 2025 – Edição revisada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 2009.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(BENITEZ Catalogação Ass. Editorial, MS, Brasil)

A3339  
1.ed. Alighieri, Dante, 1265-1321  
A divina comédia / Dante Alighieri ;  
Ilustração Ralph Prado ; tradução Barão da  
Villa da Barra. - 1.ed - Rio de Janeiro :  
Tordesilhas, 2025.  
448 p. ; 15,7 x 23 cm.  
  
Título original: La divina commedia.  
ISBN 978-65-5568-222-9  
  
I. Poesia italiana. I. Barra, Barão da  
Villa da. II. Título.  
  
10-2024/276 CDD 851

Índice para catálogo sistemático:

1. Poesia ; Literatura italiana 851

Aline Graziele Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Todos os direitos estão reservados e protegidos por Lei. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida.

A violação dos Direitos Autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e com punição de acordo com o artigo 184 do Código Penal.

O conteúdo desta obra fora formulado exclusivamente pelo(s) autor(es).

Marcas Registradas: Todos os termos mencionados e reconhecidos como Marca Registrada e/ou Comercial são de responsabilidade de seus proprietários. A editora informa não estar associada a nenhum produto e/ou fornecedor apresentado no livro.

Material de apoio e erratas: Se parte integrante da obra e/ou por real necessidade, no site da editora o leitor encontrará os materiais de apoio (download), errata e/ou quaisquer outros conteúdos aplicáveis à obra. Acesse o site [www.altabooks.com.br](http://www.altabooks.com.br) e procure pelo título do livro desejado para ter acesso ao conteúdo.

Suporte Técnico: A obra é comercializada na forma em que está, sem direito a suporte técnico ou orientação pessoal/exclusiva ao leitor.

A editora não se responsabiliza pela manutenção, atualização e idioma dos sites, programas, materiais complementares ou similares referidos pelos autores nesta obra.

**Produção Editorial:** Grupo Editorial Alta Books  
**Diretor Editorial:** Anderson Vieira  
**Vendas Governamentais:** Cristiane Mutüs

**Coordenadora Editorial:** Mariana Portugal  
**Revisão:** Christiano Sensi e Thais Pol  
**Diagramação:** Joyce Matos  
**Aparato:** Ederli Fortunato  
**Ilustração de capa e miolo:** Ralph Prado  
**Design de capa:** Paulo Gomes

  
**ALTA BOOKS**  
GRUPO EDITORIAL

Rua Viúva Cláudio, 291 – Bairro Industrial do Jacaré  
CEP: 20.970-031 – Rio de Janeiro (RJ)  
Tels.: (21) 3278-8069 / 3278-8419  
[www.altabooks.com.br](http://www.altabooks.com.br) – [altabooks@altabooks.com.br](mailto:altabooks@altabooks.com.br)  
**Ouvidoria:** [ouvidoria@altabooks.com.br](mailto:ouvidoria@altabooks.com.br)

Editora  
afiliada à:

 **alair**  
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDITORES ORÇAMENTÁRIOS

ASSOCIADO  **CIP**  
Centro  
Nacional  
de Livro



## PREFÁCIO

“Deixai, ó vós que entraís, toda esperança.”

*Na verdade, não.*

Entre aqui não apenas com a esperança, mas com a certeza de encontrar uma jornada épica — uma das maiores histórias de amor de todos os tempos — e de mergulhar num processo de autoconhecimento e evolução, um caminho que vai do mais profundo desespero à luz total.

Esta é a *Comédia* — mais sobre como ela se tornou divina daqui a pouco —, o monumental poema escrito por Dante Alighieri ao longo de dez anos de trabalho, fruto da dor de ter sido expulso de Florença, cidade onde nasceu e pela qual lutou como cidadão, administrador e soldado. Um homem que teve a coragem de quebrar tradições para dar ao mundo uma obra que marcou não apenas a história da literatura por sua forma e estilo, mas toda a cultura ocidental. Em outras palavras, um clássico, uma obra tão poderosa que, mesmo sem a ajuda de adaptações para o cinema ou o teatro (que tornaram famosos outros livros), nos influencia há 700 anos, a ponto de já estar em nossas mentes sem percebermos, como prova a frase que inicia este texto e que, em sua versão em inglês (“Abandon hope all ye who enter here”), é vista por milhares de gamers em *World of Warcraft*, por outros tantos visitantes da atração Piratas do Caribe da DisneyWorld ou por quem inicia a leitura de *Psicopata Americano*, de Bret Easton Ellis.

Esta é uma obra que, a cada leitura, mostra novas camadas e significados mais profundos e interessantes — outra característica dos livros que se tornam clássicos e que, por isso, continuamente capturam a atenção de novos leitores século após século e, dentre eles, de outros criadores nos mais diversos campos das artes. Foi *A Comédia* — ou, como a chamou Boccaccio, *A Divina Comédia* — que inspirou o nome do vilão do quadrinho *Spawn*, Malebolgia, a partir do Malebolge, uma área do “Inferno”, assim como os Malebranche do game *Final Fantasy IV* e do RPG *Dungeons & Dragons*. O mesmo “Inferno” que influenciou Neil Gaiman na criação da série *Sandman*

e ganhou versão de Arrigo Barnabé em seu álbum *Façanhas*, para ficarmos em apenas uns poucos exemplos de como *A Divina Comédia* chega a nós graças ao poder inspirador de sua narrativa que mescla temas religiosos e mitológicos com o interesse pelo que nos torna humanos.

Em sua carta apostólica em homenagem aos setecentos anos da morte de Dante em 2021, o papa Francisco resumiu o poder do poeta: “nele podemos quase entrever um precursor da nossa cultura multimidiática, na qual palavras e imagens, símbolos e sons, poesia e dança se fundem numa única mensagem”. Mas o papa também pergunta se Dante ainda tem algo a dizer a nós, pessoas do século XXI.

E a resposta é um enorme sim, pois a jornada de uma pessoa da crise à paz nunca foi tão importante como agora. Quando o horizonte nos parece tão ameaçador; a Terra se encontra tão combatida, polarizada e dividida por conflitos; e até o clima se revolta... Dante nos diz que há uma saída.

## UMA JORNADA ÉPICA E UMA HISTÓRIA DE AMOR: AUTODESCOBERTA E CRÍTICA SOCIAL

6

*A Divina Comédia* é, antes de tudo, uma grande aventura, uma viagem por três territórios povoados por seres mitológicos e pessoas reais, repletos de desafios que devem ser vencidos por um herói. É também uma jornada de autodescoberta, reflexão e evolução. Não é um formato criado por Dante, o poema épico já existia. Mas Dante rompeu com uma tradição ao colocar não um herói de sua criação, histórico ou mitológico, mas a si mesmo como o protagonista da história. É ele o personagem que acompanhamos a partir do momento em que se vê numa floresta escura, sem saber como chegou ali.

É um ponto de partida de uma viagem tanto física quanto espiritual, de um homem que se encontra num momento crucial da vida. Dante tem pouco mais de trinta anos, apaixonou-se, teve amigos, formou família, participou de batalhas e atingiu uma posição de destaque na sociedade de Florença — uma luminosa metrópole essencial nas rotas comerciais da época, centro cultural e cenário de ferozes disputas políticas entre partidos favoráveis ao papa de um lado e ao Sacro Império Romano-Germânico de outro. Certamente ele não esperava ser exilado, longe de todos que conhecia e condenado à morte caso voltasse para casa. A imagem é clara do momento em que olhamos no espelho e não nos reconhecemos, não sabemos como nos tornamos essa pessoa que nos olha de volta. Um sentimento comum a quem chega à meia idade, como Dante, mas não alheio aos mais jovens, que um dia se descobrem adultos, com deveres e cargas, na maior parte das vezes sem qualquer ideia de como o tempo passou tão rápido, sensação ainda mais

aguda aos mais idosos. É também o que sentimos quando perdemos um trabalho, chegamos ao fim de um relacionamento ou vivenciamos a morte de alguém que agregava sentido à nossa vida. Como Dante, estamos perdidos numa floresta escura, cercados por monstros. Mais de setecentos anos depois, encontramos no autor/protagonista de *A Divina Comédia*, alguém que sente o mesmo que nós.

É quando surge o guia que ajudará o herói a cumprir sua missão, o poeta Virgílio. Autor de *Eneida*, poema épico que conta como Enéias escapou da guerra de Tróia, ele sabe o caminho de uma viagem repleta de obstáculos. Para sua jornada, então, Dante quebra mais uma tradição. Em lugar do latim, idioma na época considerado o correto para a literatura, para a boa escrita, ele decide escrever em seu dialeto toscano.

Ao defender o uso da língua comum como instrumento literário legítimo, Dante tornou-se pai do idioma italiano como o conhecemos hoje. Num país que ainda por muito tempo seria uma coleção de cidades e reinos independentes e muitas vezes adversários, a língua seria a ferramenta capaz de conectar da pequena Torre Orsaia, na Campania, à fulgurante Veneza; de Lampedusa, ao longe no oceano, à imortal Roma; e tantos outros lugares com suas histórias, tradições e dialetos próprios. O impulso dado por um poeta medieval deu-lhes capacidade para formar uma identidade nacional.

## CRIMES E CASTIGOS

Escolhidos o idioma, o herói e o guia, Dante nos leva em sua jornada. Passando a Porta do Inferno que inspirou uma bela escultura de Rodin e sua famosa inscrição, entramos numa arquitetura que é ao mesmo tempo reveladora da criatividade de Dante e um convite à reflexão moral. A visão do escritor europeu da Idade Média obviamente é cristã e católica — a reforma protestante só aconteceria dois séculos depois —, mas questiona como julgamos o outro e que punição consideramos adequada à cada falha, um exercício ainda mais potente quando é possível condenar à morte com um clique do mouse.

Ao todo, nove círculos dividem por tipo de falta pessoas mais próximas de nós do que gostaríamos de reconhecer. Amante dos clássicos, Dante dá aos nascidos antes do cristianismo o primeiro círculo, um limbo onde ficam todos os não batizados. Mas, em seguida, a situação muda. No segundo círculo são punidos por um constante vendaval aqueles que foram vencidos pelo sexo, culpados de luxúria e adultério. No terceiro círculo, os gulosos afundam na lama e são mordidos por Cérbero, o cão de três cabeças da mitologia grega. Gananciosos ficam no quarto círculo, rolando grandes pe-

dras para lá e para cá, brigando por dinheiro para todo o sempre. Aqueles que não aprenderam a controlar a raiva passarão a eternidade no quinto círculo mordendo uns aos outros, enquanto os rancorosos expiram bolhas fedorentas. Quem não acredita em Deus queima em brasa no sexto círculo, enquanto assassinos, tiranos e ladrões são punidos de diversas formas no sétimo. No oitavo círculo, os fraudadores apanham de demônios chifrudos, são enterrados de cabeça para baixo, fervem na lava e são picados por cobras. A seguir vem o círculo dedicado aos traidores — que se desesperam mergulhados num lago congelado —, onde o próprio Lúcifer se encarrega de torturar os que traíram os próprios benfeitores.

Em sua viagem de um círculo a outro, Dante povoa o inferno com pessoas cujas histórias justificam as penas a que são submetidas. A cada fase, os castigos se tornam mais inventivos e violentos, dando uma ideia da bússola moral de Dante e também levando o leitor a considerar seus próprios atos. Crítico feroz da prática da simonia, a venda de cargos e objetos religiosos, Dante não hesitou em colocar no inferno o papa Bonifácio VIII como símbolo de corrupção, embora o pontífice não estivesse morto em 1300, ano em que se passa *A Divina Comédia*. Logo no início do poema, no canto III, Dante também coloca entre os indecisos e covardes uma pessoa que “fez por fraco a célebre renúncia”, o que, segundo estudiosos, seria uma referência a outro papa, Celestino V, que abdicou cinco meses após ser eleito, exatamente para que Bonifácio assumisse.

Não se trata, contudo, da simples condenação de figuras históricas ou desafetos. Dante considera que somos responsáveis não apenas por nossas ações, mas também pelo efeito delas sobre as outras pessoas e a sociedade. Assim, os influenciadores, por ação ou exemplo, são condenados porque sua ganância por dinheiro, poder ou prazer e o que fazem para obtê-los são a base para a injustiça e a desordem sociais. Na hierarquia dos pecados no inferno dantesco, são piores os atos que têm efeito sobre a comunidade. Assim, blasfêmia, o ataque a Deus, está no sétimo círculo, enquanto o roubo está no oitavo. A importância que Dante dá a corrupção, violência, traição e fraude, subdividindo-as e dando a cada tipo um castigo específico é uma amostra do quanto ele considerava essas ações corrosivas e responsáveis pelo tumulto de seu tempo, o que não é diferente do cenário atual, sete séculos depois.

Não há dúvidas também de que sentimos prazer em ver a sequência de punições, o que nos fala tanto do nosso senso de justiça — afinal, quem comete um crime deve ser punido — como da nossa sede por violência. Esses são sentimentos que, infelizmente, levam muitos leitores a deixarem *A Divina Comédia* por aqui. O “Inferno”, entretanto, é apenas a primeira fase da viagem. Ao deixarem as profundezas, Dante e Virgílio chegam ao “Purgató-

rio”, o espaço onde os pecadores se arrependem, pagam sua pena e seguem rumo à salvação. É um processo de reabilitação, doloroso como todos o são, mas há uma luz adiante. É possível sair da crise, deixar a floresta.

O processo de cura, entretanto, exige ação. Dante deixa de ser um observador para participar com os demais de uma peregrinação. Numa época em que havia ainda pouco consenso sobre o purgatório e qual seria o tempo de punição adequado — esta era uma discussão frequente, com alguns acreditando que o purgatório ficava no monte Etna —, Dante cria uma versão muito detalhada de um local dividido em sete terraços, cada um dedicado a um pecado mortal. Assim como fez com o “Inferno” e fará adiante com o “Paraíso”, Dante tem o poder de criar imagens nítidas, o que vem atraindo artistas ao longo dos séculos, incluindo o renascentista Sandro Botticelli, um dos primeiros a criar ilustrações para *A Divina Comédia*, e Gustave Doré, autor das imagens mais conhecidas e que em grande parte definem o poema para a maior parte do público; além de William Blake e Salvador Dalí, cada um com sua visão e estética pessoal e de seu tempo. Mas, ao contrário dos condenados à danação eterna, as pessoas no Purgatório aceitam a punição como processo de crescimento e mudança. É o espaço em que refletimos sobre nossos hábitos e tendências e buscamos vencer nossos impulsos. Um processo de evolução pessoal que leva ao último estágio, o “Paraíso”.

Nesse ponto, Beatriz, a mulher que Dante amou desde a infância, assume o posto de guia. Contrariando outra tradição, a que ditava que, para atingir o estágio mais elevado, era necessário separar-se das paixões humanas, Dante une os dois. É o fim de uma jornada que transforma, que faz passar do caos do “Inferno” à paz do “Paraíso” e que, independentemente de crença, nos leva a uma reflexão sobre o que é ser humano e sobre nossa capacidade de enfrentar e superar obstáculos. E aqui mora o motivo para Dante escolher *Comédia* como o nome de sua obra, mesmo sendo uma narrativa que examina os piores crimes e as mais graves falhas que podemos cometer, que denuncia a corrupção e analisa todo o trabalho que precisamos ter para evoluir. No drama, a história começa com um cenário bom e termina mal. Na comédia, as coisas começam mal e terminam bem. Então, não se assuste, temos aqui um final feliz. Seja você alguém em busca de inspiração e ânimo para sair de um momento de crise, de saber como é amar profunda e infinitamente ou de acompanhar uma viagem por locais perigosos com monstros e maldições, Dante conseguiu inserir tudo isso e mais em *A Divina Comédia*.

Não tenha medo. Ultrapasse o portal e seja bem-vindo.



I

O INFERNO





## CANTO I

*O Poeta, perdido em uma selva intrincada e escura, erra nela toda a noite, e, saindo da mesma ao amanhecer, começa a subir por uma colina quando lhe atravessam uma pantera, um leão e uma loba, que o repelem para a selva. Aparece-lhe então Virgílio, que o conforta, e oferece-se a tirá-lo de lá, fazendo-o passar pelo Inferno e pelo Purgatório, de onde Beatriz depois o guiaria ao Paraíso. E Dante o segue.*

**D**a minha vida em meio do caminho,  
Tendo perdido o rumo verdadeiro,  
Em uma selva escura dei comigo.  
Ah! Como é árduo descrever qual era  
Áspera, brava, espessa de tal modo,  
Que só a ideia me renova o susto!  
Foi tal, que é pouco mais pungente a morte;  
Mas por amor do bem ali achado,  
Narrarei o que mais por mim foi visto.  
Não sei dizer como entrei por ela;  
Pois tão tomado então de sono estava,  
Que abandonei a senda em que seguia.  
De uma colina eu atingira a base,  
Onde o seu termo tinha aquele vale,  
Que de terror me confrangera o peito.  
Notei, alçando os olhos, que à encosta  
Já douravam os raios do planeta,  
Que a reta estrada a todos indigita.  
Serenou-se um pouco a atroz procela,  
Que no lago do peito a noite inteira  
Angustioso soçobro me causara.  
O náufrago depois que a praia ganha,  
Arquejando, ofegante volve os olhos,  
Os transpostos abismos contemplando.  
Assim o meu espírito ainda esquivo

Pôs-se a mirar de novo aquele passo  
Com vida por ninguém jamais vadeado.  
Após breve repouso aos lassos membros,  
Recomecei a andar na erma falda  
Em plano inferior sempre o pé firmando.  
Eis quase no princípio da ladeira  
Um tigre velocíssimo e inquieto  
De mosqueada pele me aparece.  
Ele da minha frente não se tirava;  
E antes a estrada tanto me impedia,  
Que em ato estive de saltar por vezes.  
Rompi a aurora, o sol se remontava  
Com toda a comitiva das estrelas,  
De que o enriqueceu o amor divino.  
Estas belezas, que lançava em giro  
A ter por fausto auspício me induziram  
Daquele monstro a variegada pele:  
Contribuíram a hora, a sazão branda,  
Mas, em oposição, de medo encheu-me  
Logos em seguida de um leão a vista.  
Semelhava, que ia acometer-me,  
De juba alçada, rábico, faminto,  
Como que até pavor no ar infundindo.  
Vinha após loba, a qual pela magreza  
De todas as cobijas era a efígie,  
Tendo já muitos povos flagelado.  
O seu aspecto perturbou-me tanto,  
Que o terror que o olhar seu incutiu-me,  
A fé tirou-me de galgar o monte.  
Quem pôs, em adquirir o seu cuidado,  
Se ocorre ocasião que lhe traz perda,  
Tudo lhe são tristezas e lamentos.  
Assim me sucedeu, quando avançando  
Aos poucos contra mim a fera inquieta,  
Fez-me ao vale tornar ao sol oculto.  
Enquanto eu labutava neste passo,  
Antolhou-se-me um vulto, parecendo  
Por um longo silêncio enfraquecido.  
Quando eu o discerni no ermo ingente,  
<<Tem piedade de mim, bradei-lhe logo,  
<<Quem quer que sejas tu, sombra ou vivente. >>

Respondeu-me: – Homem fui, não sou agora;  
Meus pais foram lombardos, e ambos viram  
Em Mântua, pátria sua, a luz primeira.  
Nasci *sub Julio*, nos postremos anos;  
E a Roma vim, reinando o excelso Augusto,  
Quando ainda falsos deuses se adoravam.  
Fui poeta, cantei o piedoso  
Filho de Anquises, que deixou a Troia,  
Depois de ter ardido Ílion soberbo.  
Mas tu a tanto afã por que regressas?  
Por que não galgas o glorioso monte,  
Que é de toda ventura início e causa?  
– Serás Virgílio acaso, aquela fonte  
Que jorrou tantas ondas de eloquência?  
(Com vergonhoso aspecto repliquei-lhe.)  
Ó dos outros poetas honra e lume,  
Valham-me o amor e longo estudo,  
Com que hei sempre versado o teu poema.  
Tu és o meu modelo, és o meu mestre,  
De quem só derivei o belo estilo,  
Que me há no mundo tanta glória obtido.  
Observa a fera, que a voltar forçou-me,  
E dela me defende, ó grande sábio,  
Pois veias faz-me latejar e pulsos. –  
Cumpre mudar de rumo (respondeu-me,  
Notando o pranto meu, que borbullava),  
Se desta áspera selva sair queres.  
A fera contra a qual lamentos ergues  
Não deixa que lhe cruze alguém a estrada,  
Ao que tanto se opõe, até que o mata.  
Por natureza é tão perversa e crua,  
Que jamais a voraz cobiça farta,  
Que quanto mais se ceva, mais aumenta.  
A muitos animais se consorcia,  
E hão de multiplicar-se, até que ocorra  
O Lebréu que a fará morrer em transes.  
Não de fungíveis bens este contudo  
Nutrir-se-há; mas de ciência, amor, virtude,  
E entre um e outro Feltro será nado.  
Há de ele erguer a sucumbida Itália  
Pela qual se imolaram Niso, e Turno,



Euríalo, e Camila, inupta virgem.  
De povo em povo a fera perseguindo  
Fará com que recolha-se ao inferno,  
De onde primeiro a fez surdir a inveja.  
Por isso em benefício teu assento,  
Que me deves seguir; serei teu guia,  
Percorrerei contigo a eternidade.  
De desespero ali ouvirás brados;  
E antigas hás de ver dolentes sombras,  
Cansadas de invocar segunda morte.  
Outras divisará em fogo ardendo,  
Jubilosas, porquanto após confiam  
Ao coro dos eleitos remontar-se.  
Se neste pretendes ter acesso,  
Espírito mais que eu qualificado,  
Cometer-te-ei em meu apartamento.  
O Imperador que reina em tais alturas,  
Visto que às suas leis não prestei culto,  
Veda que eu dê ingresso em seus domínios.  
No Universo imperando, ele ali reina;  
Ali tem o seu povo, e o trono excelso:  
Felizes todos quantos a si chama.  
Respondi-lhe: – Poeta, eu te suplico  
Por esse Deus, a quem não conhecestes,  
Me livres deste transe, e outros piores.  
Conduze-me aonde acabas de indicar-me,  
Faze que eu veja de São Pedro a porta,  
E esses que tão cruciados descrevestes: –  
Pôs-se em caminho então, e acompanhei-o.



